



## ABUSO SEXUAL CONTRA MENINOS: VÍTIMAS CALADAS PELA SOCIEDADE

Renan dos Santos CAMARGO<sup>1</sup>  
Ana Cristina ALVES<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho buscou informações acerca do abuso sexual infantil, mais especificamente, o perpetrado contra indivíduos do sexo masculino. Através de pesquisas bibliográficas sobre o tema nos principais portais acadêmicos, pode-se observar, primeiramente, a falta de materiais referentes, o que está muito relacionado aos resultados obtidos na maioria dos artigos que, com muita dificuldade, foram encontrados. A visão de que os meninos são mais propensos a serem menos olhados e cuidados pela família, principalmente quando se compara suas necessidades de amparo com as de uma figura feminina, favorece não só que essas vivências sejam experimentadas, mas também que essas questões não sejam levadas tão a sério pela família, sendo até mesmo escondida pelos seus pais ou pela própria criança. Tais omissões refletem os medos familiares e individuais, que veem a ser evidenciados ao decorrer do trabalho e se fazem diretamente relacionados a interpretação do “ser menino” e o “ser menina” para nossa sociedade. Se foi possível notar o quanto a experiência do abuso sexual pode ser determinante na vida dessas crianças, tanto em seu desenvolvimento quanto em face aos julgamentos sociais que a criança pode vir a vivenciar, principalmente ao que tange o constante medo da homossexualidade.

**Palavras Chave:** Abuso Sexual; Meninos; Medo; Homossexualidade; Vítimas Masculinas.

### ABSTRACT

The present work sought information about child sexual abuse, more specifically, the one perpetrated against males. Through bibliographic research on the subject in the main academic portals, it was possible to observe, first of all, the lack of referring materials, which is very related to the results obtained in most of the articles that, with great difficulty, were found. The view that boys are more likely to be less looked at and cared for by their families, especially when their need for support is compared to that of a female figure, favors not only that these experiences are experienced, but also that these issues are not taken so seriously by the family, and are even hidden by their parents or by the child itself. Such omissions reflect family and individual fears, which have been evidenced throughout the work and are directly related to the interpretation of "being a boy" and "being a girl" for our society. It was possible to notice how the experience of sexual abuse can be a determining factor in the lives of these children, both in their development and in the social judgments that the child may come to experience, especially regarding the constant fear of homosexuality.

**KeyWords:** Sexual Abuse; Boys; Fear; Homosexuality; Male Victims.

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT – da Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva. renandossantoscamargo@alunos.fait.edu.br

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT – da Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva. ana.cristina@professor.fait.edu.br



## Introdução

O abuso sexual de forma geral é, por si só, alvo de repulsa pela maior parte da sociedade nos dias atuais e possuem uma variedade de consequências na vida social, psicológica, afetiva e emocional, tanto do adulto, quanto do menor vítima de tais atos, podendo prolongar-se por muitos anos na vida do violado (Lobo, 2019; Conceição, et al., 2020). Para Esquiavel et al. (2020, p. 308) A sociedade atual ainda enfrenta a violência sexual infantil como um grande tabu, pois gera estigmatizações, impulsiona discussões no meio social e, na maior parte dos casos, gera debates acerca do espaço privado da família, podendo vir a provocar o medo por parte das vítimas de denunciarem tais situações de violência pois, infelizmente, um grande número significativo das notificações sobre abuso sexual presentes no Brasil partem principalmente de membros da própria família da criança ou de pessoas muito próximas ao grupo parental (Rosa, Souza, 2020; Farias, Rocha, Lucena, 2022).

Se a violência sexual contra menores já é algo a ser debatido com urgência no campo social atualmente, a mesma é ainda mais urgente quando perpetrada contra indivíduos do sexo masculino, que, apesar de se apresentarem em menores proporções numéricas com relação a denúncias de abuso sexual (abrangência maior de vítimas femininas), ainda sofrem com tamanha violação e lamentavelmente são calados e subnotificados pela sociedade atual (Guimarães, Gomes, 2022; Lessa, Mayor, 2021).

Nesse sentido, o trabalho em questão teve como o seu foco principal não só o entendimento sobre o abuso sexual infantil, mas também como isso impacta as notificações de tais ocorrências. Similarmente, foi considerado durante a pesquisa, como a nossa sociedade atual vê e percebe o “ser menino” e o “ser menina” e como isso atinge a vida dos menores vítimas dessas atitudes violentas, buscando entender como esses pensamentos, tabus, ideologias e imposições impactam nas denúncias e no silêncio por parte das vítimas.

A presente pesquisa tem por objetivo geral investigar os aspectos socioculturais envolvidos no processo de silêncio dos violentados, buscando conhecer de que forma



esses aspectos influenciam no desenvolvimento do indivíduo e se eles o impedem de buscar ajuda de alguma forma. Como objetivos específicos, buscamos analisar e conhecer os motivos socioculturais envolvidos no silêncio por parte das vítimas; identificar os aspectos danosos na vida do indivíduo alvo de alguma situação de abuso ou agressão sexual na infância; e articular a psicologia com o fenômeno apresentado, a partir de pressupostos teóricos. Desta forma, o tema se faz corrente como um assunto de extrema relevância para o meio social e para a sociedade atual a qual vivemos, principalmente no que tange a dar voz a pessoas do sexo masculino que foram vítimas da violação sexual na infância.

Visando todo o contexto, a principal motivação que levou a escolha do tema foi, sobretudo, a grande falta de conteúdos bibliográficos referentes ao assunto, algo que também foi observado e pontuado por Lessa e Mayor (2021) perante pesquisa, até porque, tais vítimas fazem parte dos casos menos notificados e pontuados em nossa sociedade atualmente. Podemos confirmar tal condição ao analisarmos o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (Brasil, 2018 apud Lessa; Mayor, 2021), que aponta durante o período de 2011 a 2017 a identificação de 58.037 casos de violação sexual na infância, sendo suas vítimas 74,2% meninas e 25,8% meninos.

Tabela 1  
*Casos de Abuso Sexual Infantil de 2011 a 2017.*

<b>Gênero</b>	<b>Número de casos</b>	<b>Porcentagem</b>
Feminino	43.063	74,8%
Masculino	14.973	25,8%
<b>Total</b>	<b>58.037</b>	<b>100%</b>

Fonte: Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (Brasil, 2018 apud Lessa; Mayor, 2021).

A grande questão é, até que ponto esses dados expressam a proporção real de ocorrências de violência/abuso sexual contra garotos em nosso país? Esse foi o principal questionamento que levou a escolha notável do tema.

No presente trabalho o método de pesquisa utilizado foi o descritivo, que teve como intuito explorar a temática que envolve o abuso sexual contra meninos e compreender as problemáticas que acarretam em sua subnotificação. Partiu-se de uma revisão bibliográfica com autores que já publicaram trabalhos relacionados ao tema, buscando dessa forma, traçar hipóteses sobre o silêncio por parte das vítimas



e instigar os leitores a buscarem mais sobre a problemática, identificando possíveis subnotificações e lutando contra o tabu presente na sociedade.

Para isso, a pesquisa atual se firmou através do método dedutivo, partindo de estudos documentais já publicados sobre o tema por outros autores e buscando uma resposta principal para a problemática relacionada.

Por fim, o trabalho teve como firmamento principal o caráter qualitativo, ao qual fez-se presente no estudo documental tanto de fontes primárias, como artigos e dissertações, quanto de fontes secundárias, como artigos de revisão e livros. Desta forma, através de referenciais bibliográficos, foi realizado o levantamento e o cruzamento de informações adquiridas para uma melhor compreensão a respeito do tema, podendo desta forma identificar suas possíveis causas e conseqüentemente suas principais conseqüências tanto para o indivíduo quanto para o âmbito social.

## **Desenvolvimento**

O abuso sexual infantil se trata de uma problemática ampla e generalizada, que pode ter conseqüências devastadoras em âmbitos tanto de bem-estar físico da criança, quanto em aspectos emocionais e psicológicos das mesmas (Santos, 2021). Sendo um fenômeno complexo e que necessita de mais atenção e exploração do meio científico, a vitimização sexual contra meninos refere-se a uma das vertentes ainda mais inexplorada devido o silenciamento social vigente (Easton; Saltzman; Willis, 2014 apud Said; Costa, 2019). Por conta disso, por vezes, tal problemática é subnotificada e pouco reconhecida pelas autoridades, em parte devido ao estigma social e estereótipos de gênero perpetrados pela sociedade, em outra pela falta de conscientização de nosso meio social (Lobo, 2019; Conceição, et al., 2020). Embora a prevalência do abuso sexual infantil contra meninos seja frequentemente subestimada e subnotificada, essa se trata de uma questão séria que exige atenção tanto das autoridades quanto da comunidade de maneira geral.

Conforme estabelece o art. 213 do Código Penal Brasileiro (lei nº 12.015/2009) a violência sexual se trata de “Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro



ato libidinoso”, constando também no mesmo documento como estupro de vulnerável “Induzir alguém menor de 14 (catorze) anos a satisfazer a lascívia de outrem” art. 218.

## Responsabilidade Profissional

Quando pensamos em casos de abuso sexual perpetrado contra crianças ou adolescentes, podemos imaginar o quanto essa problemática pode vir a influenciar no processo de ensino e aprendizagem dos menores nos ambientes escolares, tendo em vista que passam a maior parte do tempo nesses locais (Esquivel et al., 2020). Desta forma, os espaços educacionais tornam-se pontos centrais na identificação de questões referentes a violência sexual infantil, até porque, esses são os ambientes de maior contato social da criança fora da esfera familiar. Ademais, alguns autores pontuam a falta de preparo que a equipe escolar possui acerca de como prosseguir após a identificação de tais ocorrências ou até mesmo como preveni-las no ambiente escolar. Sendo esse um fato que vem a prejudicar ainda mais a confiança e segurança das crianças nas figuras de autoridade, podendo ocasionar em uma re-vitimização da criança (Oliveira; Silva; Maio, 2020; Esquivel et al., 2020).

Quando pensamos no tema frente a atuação do psicólogo, tais profissionais podem, de forma multidisciplinar, exercer todo o apoio psicológico necessário e devido a essas vítimas, juntamente com os profissionais das áreas médicas e sociais, sendo tudo isso perante a lei Lei nº 12.845/2013, que também garante o atendimento imediato, obrigatório em todos os hospitais da rede SUS, que devem, conforme o art. 1º da mesma, visar o controle e o tratamento de agravos físicos e psíquicos decorrentes das sequelas promovidas pela violência, fazendo o devido encaminhamento aos serviços sociais, caso necessário.

## A Sociedade e a Criança

De acordo com Rosa e Souza (2020) após ouvir um total de 170 homens no que diz respeito a temática do abuso e violência sexual infantil, pode-se notar dados relevantes acerca do assunto em questão:



Tabela 2

*Relato do Público Estudado.*

Descrição	Número de Indivíduos	%	Reincidência	%	Comunicaram alguém	%
Vítimas	74	43,5%	56	75,7%	41	55,4%
Não vítimas	96	56,5%				
<b>Total</b>	<b>170 homens</b>					

Fonte: Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (Brasil, 2018 apud Lessa; Mayor, 2021).

De todo o público masculino ouvido, 43,5% deles relataram já terem sido vítimas de tais situações, ou seja, 74 indivíduos. Quando questionados sobre reincidência, 75,7% deles relatou que o ocorrido aconteceu mais de uma vez e 55,4% afirmou haver contado a alguém sobre o ocorrido. Todavia, vale ressaltar que ao falar sobre a questão, a maior parte das vítimas foi desacreditada ou considerada culpada pelo ocorrido. Tais apontamentos se correlacionam diretamente com o que Pereira (2020) e Santos (2021) também pontuam acerca da violência sexual de forma geral, onde na maior parte das vezes, as vítimas são interpretadas como as próprias causadoras e culpadas dessas ocorrências. Portanto, podemos concluir que tal conflito se trata de uma construção social muito mais profunda e enraizada em nossas relações humanas do que apenas uma questão interpretativa e situacional.

Tal como pontua Farias, Rocha e Lucena (2022), casos em que a criança é exposta ou convive em ambientes com maior vulnerabilidade social, situações de prostituição, uso e abuso de álcool e drogas ou ausência dos pais as tornam crianças ainda mais propensas a passarem por esse tipo de situação. Pensando nas crianças do sexo masculino, tais situações de vulnerabilidade ficam ainda mais afloradas quando refletimos sobre a forma como a sociedade percebe a figura masculina e a masculinidade. Concepções de que “meninos sabem se defender sozinhos” ou “meninos são mais fortes” tornam essas crianças ainda mais propensas a vivenciarem tais situações agressoras, pois as preocupações com os mesmos tornam-se visivelmente mais baixas do que com crianças do sexo feminino, tidas como mais frágeis e que carecem de maiores cuidados (Rosa, Souza, 2020).

Veenama, Thornton e Corley (2015 apud Said; Costa, 2019) comprovam que meninos vítimas de situações de abuso sexual possuem uma maior probabilidade de serem alvos de atos fisicamente mais violentos quando se comparado a vítimas do sexo feminino, reforçando o quanto essas crianças correm um risco ainda maior em suas relações sociais com potenciais abusadores sexuais. Durante a efetuação do



crime, a maior parte das notificações identificou o uso da força corporal e do espancamento como os meios de agressão mais utilizados durante a prática do abuso sexual, atingindo em maior número as vítimas do sexo masculino (em 23% dos casos) do que os indivíduos do sexo feminino (em 21,6% dos casos) (Santos, 2021).

O documentário intitulado “O Silêncio dos Homens” (2019), disponível na plataforma YouTube, realizou uma pesquisa com mais de 40 mil pessoas ao redor do Brasil e coletou diversas informações acerca da masculinidade. Incluindo um dado referenciado da Associação “Quebrar o Silêncio”, responsável por dar apoio e auxílio a homens vítimas de abuso sexual. O documentário expõe que, em média, homens vítimas de abuso sexual levam cerca de 20 anos para contar a alguém sobre a situação de violência, retratando, ao decorrer do documentário, o quanto os homens são influenciados pela sociedade a permanecerem calados, seja por medo, vergonha ou porque foram ensinados a não expressarem seus sentimentos. O último item em questão, fazia parte da mesma pesquisa e constatou que 60% do público masculino concordou ter sido ensinado a não expressar as suas emoções.

### O Constante Receio da Homossexualidade

Tal como retrata Lessa; Mayor (2021), o medo da homossexualidade é algo muito vivenciado por meninos vítimas de abuso sexual infantil, incluindo também o medo da família sobre o mesmo aspecto. Dentro da cultura machista em que vivemos atualmente em nossa sociedade, existem pensamentos que infelizmente de forma direta ou indireta acabam sendo depositados sobre os meninos abusados, sentimentos esses que os prendem a condição de violado e os impedem de retornarem a visão de “homens”, restando somente a homossexualidade como se fosse o seu destino (Almeida; Penso; Costa, 2009, p. 47 apud Lessa; Mayor, 2021). Dessa forma, ser um menino abusado sexualmente, infelizmente vem a ser algo ligado a homossexualidade (Lessa; Mayor, 2021).

Pontuando em seu estudo de caso, Said e Costa (2019) exemplificam a reação familiar de duas vítimas de abuso sexual, relacionando diretamente as falas das mães com as crenças individuais, concepções sociais e estereótipos de gênero ensinadas em nossa sociedade com a forma como a família encarava a situação a qual as



crianças haviam passado, de modo que a incerteza sobre o futuro do filho e o medo do mesmo posteriormente vir a se tornar homossexual se fazia presente na fala de ambas as mães.

Tendo em vista que a sociedade de modo geral dá mais ênfase ao abuso sexual feminino, a não revelação passa também a ser influenciada por essa questão social, pela família e pelas condições socioeconômicas, expondo uma exacerbada visão machista da sociedade, que apenas reforça os papéis tradicionais de gênero que geralmente são baseados em domínio, agressão e negação emocional. Isso pode levar os meninos a acreditar que precisam ser duros e no controle o tempo todo, e que mostrar vulnerabilidade ou sensibilidade frente a outros indivíduos é um sinal de fraqueza, provocando impedimentos para se alcançar a quebra do silêncio por receio dos impactos que os aspectos socioculturais vigentes poderão causar (Guimarães; Gomes, 2022).

#### Aspectos Familiares

Assim como a família se trata, segundo Freud S. (1912-1914), de uma unidade social primária e que desempenha um papel crucial na formação da personalidade dos indivíduos e no desenvolvimento emocional da criança, ela também possui valores relacionados a participação, orientação e supervisão da criança em seu processo de crescimento. Todavia, dependendo da forma como se estrutura essa família e da sua dinâmica de funcionamento, este núcleo primário pode vir a ser um fator de risco para a criança, podendo proporcionar uma condição que favoreça a ocorrência de algum tipo de violência (Said; Costa, 2019).

Realidades como famílias monoparentais, de pais não biológicos (padrasto, madrasta, avós), viver sem a presença dos pais, ter familiares dependentes de álcool ou drogas e fatores socioeconômicos podem vir a potencializar a probabilidade de situações agressoras interferirem no desenvolvimento da criança (Costa, et al., 2015 apud Said; Costa, 2019).

Quando analisamos acerca do espaço familiar em que vítimas dessa realidade cotidianamente vivem e na forma como o abuso sexual de maneira geral se expressa, podemos entender o porquê tal assunto gera tanto incomodo e silenciamento nas





relações familiares. Em uma pesquisa realizada por Conceição, et al. (2020), dados acerca das notificações sobre abuso sexual em nosso país revelam que cerca de 54% das ocorrências haviam sido vivenciadas em contexto intrafamiliar, comprovando que o espaço familiar também pode se tornar um ambiente que venha a favorecer a ocorrência de tais situações.

Nepomuceno (2017 apud Santos, 2021) retrata que a maior abrangência dos casos de abuso sexual no meio familiar são realidades cometidas pelos próprios pais ou padrastos da criança, as pessoas que normalmente são a única fonte de renda familiar. Desta forma, muitos dos casos de abuso e violência sexual infantil não são devidamente levados e notificados as autoridades pelo próprio silenciamento familiar, não porque não querem, mas sim porque na maior parte das vezes envolvem questões morais e socioeconômicas dentro do próprio núcleo familiar, visões que são firmadas e alavancadas principalmente pelo medo que possuem de perder o único meio de sustento da família (Santos, 2021).

Uma dinâmica familiar em que possua tais questões não anula o fato de os familiares da criança poderem se sentir culpados de alguma forma com essas situações (Cunha; Dutra, 2019). A descoberta da família, principalmente de uma mãe, de que uma criança foi sexualmente abusada dentro de seu próprio núcleo parental pode ser uma experiência por si só devastadora como um todo. As figuras que exercem o papel de cuidado com a criança podem vir a experimentar sentimentos de culpa, vergonha, raiva de si mesmas ou até mesmo serem rotuladas como cúmplices de tais atos, por não terem sido capazes de proteger sua criança dessas situações danosas (Cunha; Dutra, 2019).

### **Considerações Finais**

Ao decorrer da pesquisa documental, pode-se notar um número limitado de materiais acerca da temática abordada, o que dificultou a exploração maior sobre o tópico e apenas confirmou o quanto é difícil adentrar a esse assunto em nosso meio social e no âmbito acadêmico nacional, pois além de se tratar de um grande tabu em nossa sociedade, também possui uma exploração científica reduzida em nosso cenário atual, o que é explicado através da forma como as famílias escondem o abuso



sexual infantil de maneira geral, dificultando a notificação as autoridades e impedindo que as vítimas sejam de fato ouvidas por órgãos competentes.

A falta de validade que meninos vítimas de situações de abuso recebem da sociedade que, em sua grande parte, ignora as ocorrências como de fato abusivas aos indivíduos, também contribuí e muito para que tais situações continuem ocorrendo da forma mais silenciosa possível, por conta disso, é importante aumentar a conscientização sobre o abuso sexual contra meninos e criar um ambiente seguro e de apoio no qual eles possam se apresentar e receber a ajuda e os recursos necessários para um bom tratamento e recuperação.

Com isso, buscou-se por meio deste trabalho, fomentar pesquisas práticas relacionadas ao tema abuso sexual contra vítimas do sexo masculino, de modo a identificar amplamente os impedimentos sociais, culturais e emocionais que circundam as vítimas desses acontecimentos, visando ampliar ainda mais o repertório e dar voz as vítimas de tais atos violentos. Portanto, centralizar a exposição desse tema poderá instigar as pessoas a falarem mais sobre o assunto, as conscientizando sobre a problemática e as fazendo dar mais importância aos relatos de tais vítimas, de forma a validar o abuso sexual masculino tal como é validado relatos de vítimas do sexo feminino, sem fazer discrepância entre gêneros e entendendo isso como um fato real e que também acontece com homens, sendo necessária a intervenção do meio social na quebra das subnotificações e preconceitos existentes em nossa esfera cultural atual.

Em relação a perspectiva de pesquisas futuras sobre o tema, se faz necessária a ampliação cada vez maior das investigações acerca do abuso sexual infantil perpetrado contra indivíduos do sexo masculino, visando principalmente a coleta de dados qualitativos, para que o tema tenha uma abrangência regional cada vez maior e seja possível identificar, de forma mais ampla, características comuns em diferentes faixas etárias, contextos socioculturais e dinâmicas familiares existentes em nossa sociedade atual.



## Referências

BRASIL. Lei n. 12.015, de 07 de agosto de 2009. **Código Penal**. Brasília: Congresso Nacional. Artigo 213; 218.

BRASIL. Lei n. 12.845, de 01 de agosto de 2013. **Política Social**. Brasília: Congresso Nacional. Artigo 01.

CONCEIÇÃO, M. I. G. et al. Abuso sexual infantil masculino: sintomas, notificação e denúncia no restabelecimento da proteção. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, jan/abr. 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652020000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652020000100006). Acesso em: 15 set. 2022.

COSTA L. F.; SAID, A. P. Family dynamics of boys victims of sexual abuse. **Paidéia**. Ribeirão Preto, v. 29, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/rV43Pn7xBMnpxhQJTH8WRd/abstract/?lang=en>. Acesso em: 20 abr. 2023.

CUNHA, G. G.; DUTRA, E. M. S. Um olhar fenomenológico para mães de crianças vítimas de abuso sexual. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**. Goiânia, v. 25 n. 1, p. 103-110, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6798990>. Acesso em: 19 abr. 2023.

ESQUIAVEL, C. L. W. et al. A escola e o abuso sexual infantil: uma análise acerca do papel e da responsabilidade jurídica e social da escola e do educador. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**. Paraná, v. 20, n. 38, p. 307-322, nov. 2020. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/csaemrevista/article/view/29163/20435>. Acesso em: 14 set. 2022.

FARIAS, T. M.; ROCHA, L. C. S.; LUCENA, F. A. A. Abuso Sexual Contra Crianças: Omissão da Denúncia por Parte dos Responsáveis. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Lucas, v. 8, n. 8, p. 594-605, ago. 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/6597>. Acesso em: 25 set. 2022.

FELIPE, G. B. et al. **Conhecendo Informações Sobre o Abuso Infantil Masculino: Contribuições de um Grupo de Homens**. FEMA, Fundação Educacional do Município de Assis. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqPics/1711370062P1046.pdf>. Acesso em: 22 set. 2022.

FREUD, S. (1912-1914). **Totem e tabu: contribuição a história do movimento psicanalítico e outros textos** v. 11. São Paulo: Companhia das Letras, set. 2012.

GUIMARÃES, J. S.; GOMES, L. A. **Ninguém Precisa Saber Disso: Abuso Sexual em Crianças e Adolescentes do Sexo Masculino**. Repositório Universitário da Ânima (RUNA), jun. 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/24653>. Acesso em: 21 set. 2022.



LOBO, C. F. F. S. Abuso sexual infantil: Consequências psicossociais do crime e a revitimização provocada pela inquirição à vítima. **Revista Jurídica do Ministério Público**. Rondônia, n. 3, p. 11-29, dez. 2019. Disponível em: <https://revista.mpro.mp.br/revistajuridica/article/view/20>. Acesso em: 14 set. 2022.

LESSA, C. B.; MAYOR, A. S. (Re)violências socialmente infligidas a meninos sexualmente abusados por mulheres. **Psicologia Revista**. Fluminense, v. 30, n. 2, p. 332-362, dez. 2021. Disponível em: <https://veristas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/51417>. Acesso em: 11 set. 2022.

MAIO, R. E.; OLIVEIRA, M. SILVA, F. G. O. Violência sexual contra crianças e adolescentes: a escola como canal de proteção e denúncia. **PERSPECTIVA**. Florianópolis, v. 38 n. 4, out./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/65526>. Acesso em: 20 abr. 2023.

OLIVEIRA, L. R. G.; CÂMARA, L.; CANAVÊS, F. Meninos não choram: estudo sobre um caso de abuso sexual infantil. **DESIDADES: Revista Científica da Infância e Juventude**, n. 29, p. 151-167, jan/abr. 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8075416>. Acesso em: 23 set. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Prevención del maltrato infantil: Qué hacer, y cómo obtener evidenciasy. Sociedad Internacional para la Prevención del Maltrato y El Abandono de los Niños**. p. 7-17, 2009. Disponível em: [http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44228/9789243594361\\_spa.pdf;jsessionid=217287757D1C0F366129E2A9E7D5F7FC?sequence=1%3E](http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44228/9789243594361_spa.pdf;jsessionid=217287757D1C0F366129E2A9E7D5F7FC?sequence=1%3E). Acesso em: 20 set. 2022.

ROSA, C. E.; SOUZA, J. F. Violência/abuso sexual contra meninos: masculinidades e silenciamentos em debate. **Revista Pesquisa em Foco**. Rio Grande do Sul, v. 25 n. 2, p. 144-167, jan. 2020. Disponível em: [https://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA\\_EM\\_FOCO/article/view/2480](https://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO/article/view/2480). Acesso em: 14 set. 2022.

SANTOS, N. P. **Infância e abuso sexual: rompendo com o silêncio**. Trabalho de conclusão de curso (graduação em serviço social). São Paulo, Santos, dez. 2021. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/61778>. Acesso em: 19 abr. 2023.